

Há, sim, males que vêm para bem

José Eli da Veiga

Valor, Quinta 30 de Março de 2017

O duplo susto “Brexit+Trump” não poderia ter sido mais oportuno à expansão e fortalecimento do espectro que já assombrava o mundo: o putinismo. Com isso ficaram bem mais fortes os sinais de que a época moderna poderia estar prestes a conhecer sua quarta onda reacionária, tendo desta vez como alvo os avanços do internacionalismo. Assim, minimizando sinais opostos, mas periféricos, emitidos no Canadá e na Áustria, proliferaram previsões de que as eleições de 2017 na Europa viriam a ampliar a ascensão de líderes políticos da direita ultranacionalista. Foi lançado até o cenário de uma provável “Era da Raiva”.

Com o recente desmentido do parlamentarismo holandês, mesmo que também periférico, todas as atenções só podem se concentrar no segundo capítulo: as presidenciais francesas entre 23 de abril e 7 de maio. Prematuras pesquisas eleitorais não são confiáveis, mas duas tendências divergentes já parecem estar bem consolidadas a 25 dias do primeiro turno.

A primeira, que não poderia ser mais alentadora, indica que o novo centro concebido pelo descortino dos articuladores da candidatura do ainda nem quarentão ex-ministro Emmanuel Macron (casado com Brigitte Trogneux, vinte anos mais madura) derrotaria, por larga margem, a também rejuvenescida extrema direita liderada por uma das três filhas do escalafobético Jean-Marie Le Pen. A deputada

europeia Marine, de 48 anos, até poderá chegar na dianteira no primeiro turno, mas na reta final só de pouco superaria o desempenho do pai quinze anos atrás.

Em 2002, por menos de duzentos mil votos num total de 28,5 milhões, o candidato da Frente Nacional conseguiu chegar em segundo lugar no primeiro turno, ultrapassando o brilhante ex-trotskista convertido em socialdemocrata Lionel Jospin. Um placar de 16,86% a 16,18%. Só que depois nem chegou aos 18% diante do gaullista Jacques Chirac que angariou mais de 82% dos válidos.

O problema está na segunda tendência que, ao contrário, é das mais preocupantes, pois revela um inédito grau de dúvida entre os eleitores sobre a possibilidade de se absterem. Uma óbvia resultante da quase total ausência de verdadeira admiração por algum dos cinco candidatos competitivos, sem falar de três meros nanicos.

Grande parte dos eleitores tradicionalmente predispostos à esquerda ou à direita, que votaria em socialdemocratas do PS ou nos agora “Republicanos”, simplesmente não engoliu os vencedores de suas respectivas prévias, os deputados Benoît Hamon e François Fillon. Ainda menos são atraídos pelo discurso retrô do deputado europeu Jean-Luc Mélançon, que em mais uma de suas tentativas de juntar os cacos da extrema-esquerda se apresenta como lídimo representante de uma França que supostamente seria “insubmissa”.

Embora um dos mais politizados, o eleitorado francês parece estar atordoado diante da disjuntiva que coloca na berlinda a soberania nacional, ao opor “patriotas” a “mundialistas”. Enquanto uns querem de volta uma soberania que seria sinônimo de radical autonomia, os outros são os que realmente assimilaram e pretendem

aprofundar a nova soberania que se combina a intenso engajamento e empenho em organizações internacionais de inúmeros tipos.

Foi mais ou menos essa a tese defendida nesta mesma página do *Valor* em 24 de março pelo historiador Jeremy Adelman com a economista Anne-Laure Delatte: sem chances de investir contra o globalismo, a extrema-direita é levada a reagir com bilateralismo imperialista à até agora predominante integração multilateral, que exigiu crescentes adaptações da soberania nacional a normas convenções e tratados compartilhados.

Por mais válida que seja essa tese geral, ela é por demais insuficiente para interpretar o contexto das eleições presidenciais na França, pois a construção da União Europeia - essencialmente alavancada pela aliança franco-alemã - foi muito além do internacionalismo multilateral ao ensejar a emergência de um claro cosmopolitismo plurilateral.

Nos últimos sessenta anos engatinhou na Europa ousadíssima visão para o futuro da humanidade. A atual geração de europeus vem criando um sonho radicalmente novo, infinitamente mais propício aos desafios do século XXI do que os reciclados chauvinismos de Putin e Trump.

Bem antes da Agenda 2030, adotada no final de 2015 por todos os Estados membros da ONU, foi na Europa que despontaram estratégias coordenadas de transição ao desenvolvimento sustentável. E é a Europa que está na vanguarda desse processo, como mostra o relatório “*Sustainable Development in the European Union - A Statistical Glance*” recentemente publicado pela agência Eurostat.

Claro, não há como descartar a hipótese de que Marine Le Pen se torne presidente da França, o que imediatamente transformaria esse belo sonho em xenófobo pesadelo. Mas, paradoxalmente, se isso não ocorrer, a União Europeia até poderá avançar e se fortalecer graças à interrupção do “*ménage à trois*” que o casal Paris-Berlim tendia a manter com Washington. Parece que há mesmo males que vêm para bem.

José Eli da Veiga tornou-se professor sênior do IEE/USP (Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo) após trinta anos de docência no Departamento de Economia da FEA/USP (1983-2012). Mantém dois sites: www.zeeli.pro.br e www.sustentaculos.pro.br